

# Crise traz impacto maior para as classes A e B, que já encolhem

Por conta da crise financeira mundial, o processo de redução das desigualdades sociais no País, vistos nos últimos sete anos, ficou estável em janeiro

SÃO PAULO

Os brasileiros com rendas mais elevadas, integrantes da classe A e B, foram os que sofreram de forma mais intensa os efeitos do agravamento da crise financeira internacional. No mês de janeiro deste ano, as perdas foram ainda maiores para essa parcela da população, que compreende aqueles com renda domiciliar superior a R\$ 4.807 mensais, e se ampliaram para faixas de rendimento inferiores, como a classe C (com renda entre R\$ 1.115 e R\$ 4.807).

De acordo com um estudo divulgado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), as classes A e B que

acumulavam, nos últimos cinco anos até o período pré-crise, um aumento de 35% de participação na população brasileira, registraram queda de 2,74% somente em janeiro. Já a classe C, que havia aumentado sua participação em 25% desde 2004, no mesmo mês registrou uma perda de 2,17%.

Por outro lado, as classes mais pobres, que vinham perdendo integrantes, o que na maioria dos casos representava processos de ascensão social, sofreram movimento inverso. A classe D, que inclui brasileiros com renda entre R\$ 804 e R\$ 1.115, acumulava perda de 15,9% nos últimos cinco

anos até a crise e somente em janeiro recuperou 3,03%. A classe E, a mais baixa da pirâmide, com renda de até R\$ 804, acumulava perda de 40,3% desde 2004, e no primeiro mês subiu 6,73%.

De acordo com o economista da FGV, Marcelo Neri, um quadro de melhorias sociais conquistadas nos últimos anos começou a ser revertido. "Quem ganhava perde e vice-versa", explicou.

Neri também destacou que a crise, considerada atípica, já que atinge de forma mais intensa a parcela da população com maior renda, também traz prejuízos para os mais pobres. Segundo ele, o processo de redução das desigualdades sociais no país, observado nos últimos sete anos, ficou estável em janeiro.

Apesar do cenário crítico, o economista se diz otimista em re-

lação aos instrumentos que o país tem para combater esses efeitos.

Segundo Neri, é preciso impulsionar o mercado interno para fazer girar a economia. Ele citou a redução da carga tributária e da taxa de juros praticada no Brasil, a ampliação temporária dos valores repassados população por meio de políticas de transferência de renda e a implementação de projetos ligados ao Programa de Aceleração do Crescimento como medidas capazes de reverter as consequências da crise.

O Brasil tem um verdadeiro ataque para lidar com tudo isso, mas é preciso usar bem os instrumentos e com a velocidade necessária destacou ele, que acredita que o Brasil vai demorar certo tempo para recuperar as perdas aprofundadas em janeiro.

PANORAMA BRASIL